Boletim Gaúcho de Geografia

http://seer.ufrgs.br/bgg

PALESTRA DE EDGAR MORIN EM PORTO ALEGRE

Cláudia Dreier

Boletim Gaúcho de Geografia, 39: 183-186, jul., 2012.

Versão online disponível em:
http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37331/24111

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br
Políticas: http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy
Submissão: http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions
Diretrizes: http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines

Data de publicação - jul., 2012.
Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

PALESTRA DE EDGAR MORIN EM PORTO ALEGRE

O geógrafo e pensador francês apresenta ideias do seu último livro, ainda não publicado no brasil, La voie – pour l'avenir de la humanité .

CLÁUDIA DREIER[1]

A complexidade do pensamento, para responder a questões amplas sobre a vida e o planeta, está entre as principais propostas da obra de Edgar Morin. Professores de Geografia e Geógrafos encontram nele um alicerce, seja colocando em prática conceitos de paisagem como marca e matriz, seja para enfrentar o desafio cotidiano de ensinar em sala de aula. Neste, a obra *A cabeça bem-feita* faz às vezes de um livro de cabeceira que inspira, esclarece e orienta o maior mérito de um educador: ensinar a pensar.

PROPOSTAS À CRISE MUNDIAL

Contextualização e exemplos pontuais marcaram a palestra de Edgar Morin que aconteceu em 08 de agosto de 2011, no ciclo Fronteiras do Pensamento. Com 90 anos, o francês tem como valores principais o amor e o conhecimento. Ele aponta soluções para a crise atual a partir de suas pesquisas e vivência ao longo da História.

Segundo Morin, a crise econômica iniciada em 2008 colocou em xeque o modo de conhecimento que fragmenta as várias disciplinas e impede compreender os problemas globais. Para ele, é fundamental conhecer o processo de globalização cada vez mais acelerado pela modernidade. "Não sabemos o que se passa e é *isso* que se passa. A crise econômica resulta de uma crise da sociedade moderna, da sociedade tradicional, da democracia, do pensamento, em fim, uma crise geral da humanidade."

DOIS LADOS DA GLOBALIZAÇÃO

O francês considera a mundialização como a pior das coisas possíveis e, ao mesmo tempo, a melhor delas. Integrando o primeiro aspecto, ele lista o desenvolvimento da técnica que constrói fantásticas armas de destruição de massa e que gera a crise ambiental. "Mesmo com toda técnica desenvolvida somos incapazes de frear esta crise. Um dos problemas está nos Estados Nacionais, agora incapazes de manter as promessas feitas à população". Ele propõe que os Estados Nacionais associem-se entre si para que possam ficar

1 Jornalista e geógrafa; claudreier@yahoo.com.br.

protegidos. "A ONU tem pouca força para decisões em esfera planetária que envolvam a questão armamentista e o necessário cuidado com a biosfera".

Morin discorre sobre as ameaças à civilização: "no século XX uma espécie de polvo gigante amedrontava a todos: era o totalitarismo do nazismo e do fascismo. Com a queda do comunismo, veio um novo monstro: o do fanatismo e do maniqueísmo, de cunho étnico e religioso. Com a abertura econômica da China, ganha força o polvo do capitalismo financeiro que é mais poderoso do que o Estado Nacional". Como exemplo recente, ele cita o caso dos EUA, no qual uma agência abaixou a nota dos americanos e os demais países veem-se incapazes de contornar a crise mundial.

Para o francês, o lado positivo da globalização é unir os povos na mesma comunidade e destino ao viverem perigos semelhantes. Isto cria condições para um novo mundo. "O desafio é inventar uma sociedade global sem o modelo dos Estados Nacionais, precisamos edificar uma terra-pátria que respeite as comunidades."

COMPONENTE ALEATÓRIO

Segundo Morin, existe um componente aleatório na história da vida e da civilização, exemplificado pela origem do regime de governo preponderante nos Estados Nacionais. No século quinto antes de Cristo, a cidade de Atenas, berço da democracia, resistiu ao primeiro ataque dos persas com o auxílio dos soldados de Esparta. No segundo confronto, ela foi arrasada. Ao regressar da batalha, os barcos da frota inimiga foram afundados no Peloponeso, assim Atenas pode reerguer-se e a democracia persistir por mais 50 anos. Na Era Moderna, este regime foi ressuscitado nas cidades italianas, belgas e na Revolução Francesa. E o improvável aconteceu: a democracia, criada em uma pequena cidade grega, estabeleceu-se como uma característica da sociedade vigente.

"Mas como é possível mudar o caminho, como parar um trem desenfreado em direção à catástrofe?" questiona ele voltando à crise atual. "Em vários momentos a sociedade humana mudou de rumo graças a um indivíduo e ao grupo a ele associado." Morin cita Buda, Maomé e Jesus Cristo. Este, após a pregação, em dois ou três séculos teve sua doutrina transformada na religião do Império Romano. "Isso deve-se a Paulo que teve uma revelação para universalizar a mensagem: não há judeus nem gentios, homens ou mulheres, a palavra é dirigida à humanidade tornando o cristianismo a grande religião."

Morin aponta nomes para a ciência moderna, referindo-se a Galileu, Descartes e Bacon, e para os modelos sociais citando os criadores do Comunismo e do Anarquismo. "As mudanças são possíveis, começam moderadamente. Se o sistema não trata dos problemas fundamentais, ele se desintegra, mas é possível que, de algum modo, com criatividade, este mesmo sistema seja metamorfizado gerando um novo sistema."

METAMORFOSE

Segundo o francês, os sistemas na Terra respondem aos problemas de três maneiras: regridem a um estágio anterior, desintegram-se ou passam por uma metarmorfose. "Temos na borboleta um belo exemplo. Quando se rompe o casulo da larva, o mesmo ser passa a ter asas e alimenta-se diferentemente de quando estava enclausurado." Morin lembra que o próprio ser humano, quando no ventre materno, é um ser aquático.

"A história humana é uma história de metamorfoses." Morin enfatiza que as pequenas sociedades de centenas de indivíduos, viáveis ecologicamente, tiveram diferentes estágios de evolução para se transformarem em grandes cidades e civilizações como as dos Astecas e Incas, na América. "Esta metamorfose específica vai desagregando os valores da comunidade no seu processo de crescimento."

Hoje, na França fala-se em desglobalização, pois a mundialização destruiu as realidades regionais e a solidariedade típicas da vida comunitária. "Busca-se agora sair deste processo, estimulando as trocas que possibilitem uma nova sociedade." O palestrante defende o pensamento binário, onde coexistam a globalização e a desglobalização. "Podemos manter os pontos positivos da globalização, preservando as culturas nacionais e a agricultura de subsistência do país para garantir os alimentos da nação sem precisar importá-los. É preciso ter a virtude de proteger as comunidades locais."

Morin propõe trocar o desenvolver pelo envolver. Enquanto o primeiro promove o crescimento econômico material, destrói a solidariedade, traz a corrupção política e a tecnologia destrutiva; o segundo mantém o sistema unido, fortalece a comunidade, a cultura e a identidade. Aceita o que vem de fora, respeitando os aspectos de cada cultura, fazendo uma simbiose entre o Ocidente e as antigas culturas tradicionais.

ALTERNATIVAS

Baseada no desenvolvimento material, a Sociedade Ocidental carece de hospitalidade, de cortesia e de uma maior harmonia com a natureza. Para alterar este quadro, Morin sugere um decrescimento econômico e energético em prol do florescimento de uma economia verde, remodelando as cidades para torná-las humanas e suportáveis. "Precisamos de uma economia solidária e verde que vença o lucro."

No decorrer da palestra, ele cita várias iniciativas que promovem a humanização de comunidades carentes e ressalta a falta de conexão entre elas, sugerindo que a internet possa ter um papel fundamental nesta necessária comunicação. Ele propõe reformas na agricultura convencional que traz mais males do que benefícios. "Também precisam ser revistas, além da pecuária moderna, a consciência de mundo e a educação."

Referindo-se ao processo educativo, Morin cita Rousseau. "Educar é ensinar a enfrentar os problemas da vida, a ter compreensão humana, a encarar as incertezas e as armadilhas do conhecimento". Uma nova ideia de mundo está relacionada à reforma da educação e do pensamento. As vidas cronometradas e monótonas também podem ser modificadas para originarem maior autonomia e maior experiência de comunidade.

"Devemos viver a vida de maneira polarizada em prosa e em poesia. Em prosa fazemos o que somos obrigados, o que pode cansar e entristecer, mas é necessário para ganhar o pão. Em poesia temos o que realmente nos faz viver: o amor, a amizade, a comunhão, a dança, o lúdico." Desenvolver o poético da vida permite reformá-la e construir a partir do outro. "O outro é diferente e semelhante a nós por possuir a mesma capacidade de sofrer, sorrir, amar, pensar e refletir."

Ao "bem-estar" que remete a aquisição de objetos materiais, Morin contrapõe o "bem- viver", citando Evo Morales. Neste ensina-se um novo viver e também se auxilia o outro a viver bem. "Uma reforma deve incluir tanto a vida social quanto a individual, uma reforma isolada não dá certo. Um exemplo claro disto é a Revolução Comunista de 1917, que foi incapaz de estabelecer um sistema semelhante à sua ideologia. Aquilo que foi criado ficou pior do que existia anteriormente e emplodiu em 70 anos, dando lugar ao capitalismo e a religiões mais poderosas do que as sufocadas no início do século."

Morin apresenta-se otimista ao acreditar que existe salvação para continuar a aventura da humanidade. "A História é uma sucessão de crises e nelas aumentam as incertezas. Respondendo aos períodos conturbados, podemos encontrar a solução em algo novo, regredir ao passado ou acharmos um bode expiatório." Ele afirma que "toda transformação cultural também é mental e psicológica. A esperança é como um fermento para a transformação e a metamorfose. As reformas intersolidárias são como córregos que se unem para formar rios, os quais se juntam até chegar a um Amazonas. Forma-se um novo caminho e o antigo desintegra-se." Ele recomenda imitar os adolescentes que buscam a maior autonomia e a maior vivência em comunidade.

"Hoje, o melhor da humanidade pode se desenvolver no Brasil, pois aqui existe uma simbiose entre diferentes povos e nações. Eu mesmo penso algumas vezes em me mudar para o Brasil", conclui Morin despertando risos na platéia do Salão de Atos da UFRGS e no jornalista Juremir Machado da Silva, que apresentou o palestrante francês.